

**CARIELE DO SACRAMENTO SOUZA**

**Produto Educacional:**

**“Refluxo”- Produzindo tessituras de narrativas e criações a partir de recursos  
artísticos**

São Paulo

2023



**CC BY-SA:** Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

CARIELE DO SACRAMENTO SOUZA

**“Refluxo”- Produzindo tessituras de narrativas e criações a partir de recursos  
artísticos**

Produto Educacional resultado da dissertação apresentada à Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo, Programa de Mestrado Profissional Interunidades de Formação Interdisciplinar em Saúde para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Saúde

Orientador: Prof. Dr. Celso Zilbovicius

Co-orientação: Profa. Dra. Yara M<sup>a</sup> de Carvalho

São Paulo

2023



## RESUMO

Souza, C.S. **“Refluxo”- Tecendo narrativas (de) sobre Vivências com recursos artísticos [produto educacional]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Odontologia; 2023.**

Este trabalho é fruto da pesquisa intitulada “Dos nós às tramas: afetos, SobreVivências e criações de si”, dissertação apresentada a Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo, no Programa de Mestrado Profissional Interunidades de Formação Interdisciplinar em Saúde. A pesquisa aborda a arte como experiência de produção de vida através de uma perspectiva decolonial buscando ampliar práticas de saúde contrahegêmicas, com a utilização de recursos artísticos estimulando o pensamento crítico a respeito da saúde enquanto potência criativa, das experiências e sobre vivências, afetos. Com isso, foi possível tecer discussões, rumo a criação e multiplicação de novas invenções de ser e estar no mundo. Assim, o vídeo “Refluxo” faz parte do processo criativo e é uma produção que visa a abertura de novas práticas em saúde através de recursos artísticos a ser utilizado em espaços intersetoriais com jovens. Tem como objetivo contribuir para diálogos e práticas na interface arte e saúde, além de suscitar questionamentos e aberturas de possibilidades para invenções interdisciplinares.

**Palavras-chave: Criação. Juventudes. Saúde.**





1

*“Fazer-se e fazer no mundo demanda criação. Criar talvez seja o melhor banho de quebra-demanda, abre caminho e canela com mel que há. Criar demanda-quebrar o apertado, a fonte escassa que não é mais fonte; é EXPURGO.*

*Criar é fazer costuras, (des)fazer nós e traçar linhas multidimensionais. Criar é reminiscência do que foi e do que háDevir.”*

B.

2022

---

<sup>1</sup> Pintura acrílica sobre a tela. Cariele Souza





## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>9</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>OBJETIVO.....</b>	<b>15</b>
<b>“REFLUXO”.....</b>	<b>17</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>19</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>21</b>



## APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA

Este produto foi desenvolvido a partir de uma experiência que se deu na pesquisa exploratória participante com encontros que fomentaram questionamentos sobre eu-mundo e criações a partir de diálogos decoloniais. Buscando outros jeitos de produzir saúde, sabe-se que os recursos artísticos são utilizados em oficinas de educação em saúde, em grupos comunitários, no espaço escolar, onde se encontra uma possibilidade inventiva de expressão, de resistência e de transformação. A arte pode tocar o mais sensível e o real em nós e nos levar a lugares diversos e singulares. Criar é um ato necessário na vida humana, isso nos impele ao novo, a movimentar-se, a buscar.

Pensar o cuidado em saúde implica ultrapassar o conceito de saúde definido como ausência de doença para enxergar a saúde em todo o seu contexto social, cultural, econômico e, sobretudo, político. Podemos pensar que cuidar é um ato político na medida em que se trata de responsabilidade e engajamento com a vida do outro. Entendendo a saúde como produção de vida, diante da relevância em ampliar práticas de saúde em diferentes espaços trazendo o debate que saúde não se produz apenas em uma única instituição e que engloba diferentes áreas do conhecimento e de serviços é que este trabalho se insere e se direciona como uma possibilidade de práxis interprofissional e intersetorial, com o recurso audiovisual e da arte performática (o vídeo abaixo), para disparar discussões acerca da saúde mental com uma perspectiva decolonial, isto é, práticas que suscitem questionamentos, construções, invenções de si e do mundo, podendo ser realizada em diferentes espaços, mas principalmente em oficinas terapêuticas, grupos ou rodas de conversa na Universidade, na Escola, em serviços de Saúde e inclusive Instituições Culturais.



## INTRODUÇÃO

Cada uma/um vive uma vida singular, de picos e não linearidade, é uma rota que não sabemos onde vai dar e que somos interrompidos constantemente, com ininterruptas paradas. Neste sentido, cada um/uma passará pela experiência de forma particular, com aquilo que é possível fazer, para Dewey “a vida não é uma marcha ininterrupta, uniforme. É feita de histórias, cada qual com seu enredo, seu início e movimento para o seu fim, cada qual no seu ritmo particular, cada qual com sua qualidade não repetida, que perpassa por inteiro (1, p.110)”.

A arte como experiência para pensar a vida nas tentativas, nas reflexões e introspecção, nos movimentos, onde também é possível se des.envolver, des.cobrir e conhecer,

“Criar ou ser criativo nada mais é do que mergulhar nas profundezas de nosso próprio ser, de onde emergem realidades que nos desafiam e desafiam nossas próprias realidades; é para nos dar a oportunidade de descansar a rotina para enfrentar o fato de deixar que o imaginário fale a favor da nossa própria subjetividade. [Tradução nossa]. (2, p.450).

Vivências, movimentos, descobertas, re-encontros, um retorno àquilo que é nosso, que compartilhamos e fazemos uso ao longo da vida, os chamados “patrimônios da humanidade” (3, p. 118) como a música, a dança, a escrita, os diferentes tipos de artes que permeiam a nossa vida que em diálogo com o tempo atual podem-se fazer com ela um meio de desconstrução social, de ir de assujeitado para sujeito, de fazer enfrentamentos que busquem o rompimento de sis.temas que insistem em se apoderar dos corpos e discipliná-los. A criação e o viver se conectam (4), fazem parte da subjetividade e esta é construída socialmente, em contato com o outro/a, e é por isso que há a necessidade de levar em conta o contexto social no qual se vive e como determinadas pessoas vivem. Ou seja, para desconstruir uma noção de sociedade é preciso compreende-la como ela se dá e buscar práticas contra-hegemônicas em prol de um mundo possível de viver bem.

Em Pedagogias Decoloniais, como prática de educação libertadora, decolonial e emancipatória, José Souza de Silva (5) aborda a sociedade que se preocupa mais com o desenvolvimento e civilização do que com modos de vida baseada no ato de viver bem, isto é, do ponto de vista em que inclua pessoas que estão “à margem” da sociedade, ditas “minorias” que são pessoas racializadas, povos indígenas, LGBTQIAP+, pessoas com deficiência que sofrem com a injustiça social de nosso sistema que reproduz e cria múltiplas injustiças, violências, exploração para obtenção de interesses próprios, do capital; a vida tornou-se uma mercadoria. É nessa direção da dominação, opressão, silenciamento que pessoas subalternas

não tem a possibilidade de viver bem, com acesso aos direitos, tempo, afetos, saúde, produzir outros modos de vida e de subjetividade, pois é um corpo marcado cotidianamente por violências, machismo, feminicídio, genocídio e, muito embora tenha tantas potências, as feridas abertas impedem de experienciar as potencialidades. As práticas de pedagogia decolonial vão na direção de fazer destas uma política da existência que contemple todas/os/es, mais do que um país desenvolvido, é buscar alternativas para viver desenvolvendo novos/outros mundos de vida, desejos, encontros, afetos e não sobrevivências.

“Diferentes “mundos” são possíveis, mas apenas um mundo biocêntrico e espiritual é relevante para a vida humana e não humana. Nisso, o fim não é "ser desenvolvido", mas "ser feliz" com modos de vida sustentáveis.”  
[Tradução nossa]. (5, p. 477 ).

Por decolonialidade entende-se como reconhecer outras histórias, crenças, outros povos que sempre estiveram aqui mas que devido a colonização segregou, subalternizou, impondo normas, pensamento, governando ações e emoções, a vida. É a superação de uma ideologia denominado com o certo e esse único viés constituído como vigente é o branco, cisnormativo, eficiente. Para Silva (5) “o processo de superação e transcendência da colonialidade do poder, do saber, do ser e da natureza, essencial para a construção de um outro mundo relevante.”  
[Tradução nossa]. (p.476).

Não é à toa que a epistemologia, a ciência, a inteligência, “o ser bom” são advindas da branquitude, fortalecendo a ideia europeia de “novo mundo” (5), mundo este em que o racismo é estrutural, sistema que funcionou e “deu certo”, no sentido de que por anos e até hoje ser branco ainda é o ideal, é onde se tem mérito.

Assim como todo ser humano carece e necessita formular, criar coisas (4), sendo o ato criador inseparável do contexto social e cultural, as percepções e reflexões, arte e política caminham juntas, na medida em que a(o) artista, se engaja não só em transmitir a realidade, mas em se posicionar-se.

E para construir o novo, é relevante espaços, pessoas, intercessores, conforme Deleuze apresenta, isto é, encontros que suscitam invenções, rupturas, onde se produzam outras e diferentes ideias e criações, para um mundo diferente, potente, inclusivo, sensível. Embora não apresente um conceito direto e explícito de intercessores o autor menciona que

“a criação é os intercessores. Pode ser pessoas, artistas, mas também coisas, plantas, até animais (...). Fictícios ou reais, animados ou inanimados é preciso fabricar seus próprios intercessores” (6, p.156)

que suscite dar forma, que culminem percursos e trajetórias divergentes, a vida em recorrente metamorfose como a música de Raul Seixas “eu prefiro ser, essa metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo” (7) e inventar práticas insurgentes, com intercessores, aquilo que movimenta e faz ressonâncias. São os intercessores que mobilizam pensamentos, impulsionam deslocamentos, do pensar ao criar. Por isso, é preciso fabricá-los, fabular ideias, encontros potentes para arriscar-se na vida, como diz Deleuze “é preciso abrir as palavras, rachar as coisas, para que se liberem vetores que são os da terra” (6, p. 172). Aqui, se propõe a repensar métodos, ações, práticas na educação no campo da saúde mental de estudantes e universitários(a/es), nas oficinas de saúde em diferentes contextos, nos centros culturais, na psicologia, que são emergentes diante de um mundo contemporâneo que por muito tempo deu margem mais a epistemologia branca europeia do que outros trabalhos de outras culturas.





**OBJETIVO**

Contribuir para ferramentas que produzam modos inventivos de vida, dialogando sobre saúde na perspectiva decolonial por meio do uso de recursos artísticos, em oficinas e grupos terapêuticos de saúde mental com adolescentes e jovens.



## “REFLUXO”

O Vídeo “Refluxo” (8) se trata de um vídeo que dialoga com as artes e a saúde, portanto, é um produto que pode ser utilizado em grupos e oficinas terapêuticas com adolescentes e jovens. Para a sua exposição e compartilhamento recomenda-se criar um ambiente confortável, silencioso e de confiança entre componentes. Apresentar do que se trata a proposta do grupo/oficina, solicitar cuidado com o conteúdo que pode emergir do encontro, ou seja, cuidado com o outro e, se possível, reservar minutos antes para o aquecimento corporal utilizando meditação, alongamento, movimentos corporais, despertando a concentração em si, a presença e conexão.

Acesse o vídeo em: <https://youtu.be/0hUov-3KjxI>

Algumas perguntas podem ser utilizadas após o vídeo, como por exemplo:

Sobre o que é esse vídeo?

O que é este vídeo?

Qual ou quais as reverberações deste vídeo?

Do que se trata este vídeo?

O que faz refletir?

Como cartografar em nós outras saídas possíveis para produção de vida?

Fale ou escreva sentimentos mobilizados pelos vídeos.

E como sugestão, ao final, pode-se estimular a criação fazendo uma proposta de registro poético acerca do que o vídeo suscitou em cada pessoa, utilizando ferramentas artísticas múltiplas.

**OBS:** Tendo em vista o conteúdo do vídeo, recomenda-se que o acesso a este seja facilitado por profissionais que possam disponibilizar a sua escuta sensível para o que a partir dele poderá surgir. É importante ressaltar que o vídeo, embora tenha essa proposta de contribuir nos diálogos sobre saúde mental e arte, faz-se necessário o cuidado e ética, como qualquer outro trabalho que implique atravessamentos subjetivos.

Também, pode ser utilizado para instigar produções inovadoras do ponto de vista acadêmico com o intuito de incentivar criações e de diferentes modalidades.



## **CONCLUSÃO**

Espera-se que este produto possa desenvolver práticas de saúde inventiva através das expressões artísticas, desenvolvendo reflexões acerca da adolescência e juventude, pautada na potência, criatividade e singularidade de cada sujeito. Além de favorecer a construção e fortalecimento de vínculos coletivos, a troca de afetos e compartilhamentos acerca das possíveis estratégias de cuidados, a produção de experiências e modos de criação com e na vida e de saúde, que auxilie no processo de subjetivação e no fortalecimento de saberes interdisciplinares, na interface saúde e arte.



## REFERÊNCIAS

1. Dewey J. A arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes; 2010. 110 p.
2. Achite A. Pedagogías de la re-existencia. Artistas indígenas y afrocolombianos. In: Pedagogias decoloniales - Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Editora: A. 2013. p. 443–68.
3. Liberman F, Lima EMFA, Maximino VS, Carvalho YM. Práticas corporais e artísticas: aprendizagem inventiva e cuidado de si. *Fractal: Revista de Psicologia*. 2017 maio-ago;29(2):118–26. doi:10.22409/1984-0292/v29i2/2163.
4. Ostrower F. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes; 2014. 186 p.
5. Silva SJ. La pedagogía de la felicidad en una educación para la vida. El paradigma del “buen vivir”/ “vivir bien” y la construcción pedagógica del “día después del desarrollo.” In: Walsh C, editor. *Pedagogias decoloniales. Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Tomo I. Quito: Ediciones Abya-Yala; 2013. p. 469–500. [citado 10 jan 2023]. Disponível em: <http://agoradeeducacion.com/doc/wp-content/uploads/2017/09/Walsh-2013-Pedagog%C3%ADas-Decoloniales.-Pr%C3%A1cticas.pdf>. (Série pensamento decolonial).
6. Deleuze G. Os intercessores. In: Deleuze G. *Conversações*. São Paulo: Editora 34; 2013. 240 p.
7. Seixas R. *Metamorfose ambulante*. [ citado 12 dez 2022]. [Internet]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7VE6PNwmr9g>
8. Souza CS. *Refluxo*. [citado 10 nov 2022]. [Internet]. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/0hUov-3KjxI>

## SUGESTÕES DE LEITURAS

1. Barros M. *Memórias inventadas. As infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Plnaeta do Brasil; 2008. 95 p.
2. Bondía JL. Notas sobre a experiência e o saber de experiência . *Revista Brasileira de Educação*. 2002 abr;(19):20–8. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413->

24782002000100003.

3. Deleuze G. Sobre a filosofia. In: Deleuze G. Conversações. São Paulo: Editora 34; 2013. p. 173–98.
4. Deleuze. Rachar as coisas, rachar as palavras. In: Deleuze G. Conversações. São Paulo: Editora 34; 2013. p. 109–21.
5. Bondía, J.L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência . Revista Brasileira de Educação . scielo ; 2002. p. 20–8.
6. Mombaça, J. ; Mattiuzzi MM. Carta à leitora preta do fim dos tempos. In: A Dívida Impagável. Oficina de. São Paulo; 2019. 198 p.
7. Camargo, I. Gaveta dos Guardados. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
8. Deleuze, G. A vida como obra de arte. In: Conversações. Peter Pélibart, editor. São Paulo; Editora 34. 2013. 118 p.
9. Deleuze G. O retrato de Foucault. In: n: Deleuze G. Conversações. São Paulo: Editora 34; 2013. 135 p.
10. Rolnik S. Cartografia Sentimental, transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; 2011.
11. Camargo I. Gaveta dos guardados. São Paulo: Cosac Naify; 2009.

#### SUGESTÕES DE VÍDEOS

1. Emicida. AmarElo. [citado 20 ago 2021]. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU>.



2. Luna L. Um corpo no mundo. [citado 14 nov 2022]. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=V-G7LC6QzTA>.
3. Lee, Vivane. #IdentidadesImportadasCompactadasDemarcadas. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=It1tHWCe-Q4>
4. Quebrada L. Os feitiços e os desejos. [citado 20 ago 2022]. Disponível em:  
[https://www.youtube.com/watch?v=ExIrwc\\_HVtw&t=2s](https://www.youtube.com/watch?v=ExIrwc_HVtw&t=2s).
5. Lima D. O que pode um corpo. [citado 20 ago 2022]. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=d8kSSGX1Ufw&t=1316s>.
6. Bairro J. Um corpo sem juízo - Jupi do Bairro. [citado 20 ago 2022]. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=6il3RIZSlgM>.
7. Luz L. Descolonizada. [citado 20 ago 2022]. Disponível em:  
[https://www.youtube.com/watch?v=V\\_EcJsbIcNY&list=RDV\\_EcJsbIcNY&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=V_EcJsbIcNY&list=RDV_EcJsbIcNY&start_radio=1).
8. Guajajara Z. R-existo. [citado 20 ago 2022]. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=WE6kj6JFbpQ>.